



PEDAGOGIAS FEMINISTAS E EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS NA PRODUÇÃO DE EXPERIÊNCIAS ENCARNADAS: SABERES E MODOS DE HABITAR A DOCÊNCIA NA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

*Eixo Temático 30 – Pedagogias de gênero e sexualidade em artefatos culturais:
potencialidades para a educação e a formação docente*

Ana Lúcia Gomes da Silva¹
Zuleide Paiva da Silva²
Amália Catharina Santos Cruz³
Maria Lizandra Mendes de Sousa (Liz Mendes)⁴

RESUMO

Este trabalho emerge da experiência coletiva de docência entre pares na co docência no componente “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, ofertado no Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED), nos *Campi* IV e XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Como professoras e monitora, entrelaçamos palavras, escutas e inquietações em territórios virtuais mediados por plataformas digitais. Indagamos: como habitar

¹Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/CAMPUS IV) e do Curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas. Líder do Grupo Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/> e vice-coordenadora da Rede de Pesquisa da Profissão Docente. E-mail: analucias12@gmail.com

²Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/CAMPUS XIV) e ativista da Liga Brasileira de Lésbicas (LBL). E-mail: eidepaivasilva@gmail.com.

³Professora Doutora da Universidade do Estado da Bahia e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB/CAMPUS IV). Coordenadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa LEPEL/UNEB. E-mail: acscruz@uneb.br.

⁴ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED) da Universidade Estado da Bahia (UNEB), *Campus* XIV. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Ativista da Liga Brasileira de Lésbicas e Mulheres Bissexuais da Bahia (LBL), marializandra1626@gmail.com.



à docência universitária com pedagogias feministas e epistemologias decoloniais frente aos ataques conservadores à educação? A escuta e a conversa insurgente tornam-se dispositivos formativos, tensionando saberes e corpos em direção a uma educação plural, ancorada em feminismos decoloniais, ética do cuidado e práticas de resistência, (in)tervenção e reconstrução.

Palavras-chave: Pedagogias Feministas, Epistemologias Decoloniais, Docência universitária.

SABERES INICIAIS CONTEXTUALIZADOS

Nas tessituras de saberes e conversas insurgentes encarnadas na experiência que se faz coletivamente, no enlaçar de palavras, nas escutas e inquietações, nos movimentamos como professoras e monitora do componente curricular “Pedagogias Feministas e Epistemologias Decoloniais”, de um Programa de Pós-Graduação Profissional Interinstitucional em Educação e Diversidade, nos Campi IV e XIV, da Universidade do Estado da Bahia. Em fios insubmissos, esta escrita é um convite provocativo para mergulhar juntas/os/es a nós, entre telas, vozes e movimentos, nos territórios virtuais onde experienciamos a potência implicada dos encontros on-line movidos pelo *Google Meet*, *Google Classroom*, *Microsoft Teams* e *Grupo do WhatsApp*.

Tratamos de temáticas que abordam diferentes pensamentos-movimentos dos nossos feminismos, dentre eles, lesbianidades, transfeminismos, a luta das mulheres negras, indígenas, quilombolas e pessoas não-binárias, infâncias negras, deficiências, decolonialidades, relações não monogâmicas, e outros temas cadentes e interseccionais. Refletimos sobre um modo de habitar a docência universitária em co-docência e nas alianças com professoras e educadoras sociais de diferentes espaços-tempos sociais e formativos para que, em coletivo, problematizamos pedagogias e epistemologias que enfrentam o sistema capitalista, as opressões engendradas por este sistema de exploração, propriedade privada (não somente da terra, mas principalmente da corporeidade), do avanço do neoconservadorismo que ataca cotidianamente a educação através das violências sociopolítico-ambientais, da colonialidade do ser, saber e poder, e do ataque aos direitos humanos.

Esta forma de construir o conhecimento científico a cada nova turma tem germinando pedagogias e epistemologias que festejam as diferenças, primam pelas desconstruções das estruturas hierárquicas, hegemônicas e colonialistas do ser, saber e fazer.



Dessa forma, ousamos questionar: como os modos de habitar à docência universitária em pedagogias feministas e epistemologias decoloniais mobilizam lutas contra os ataques conservadores à educação por meio das violências sociopolíticas-ambientais? Assim, objetivamos problematizar o espaço-tempo, coletivo-afetivo-ético-político do referido componente tanto como criações e resistências possíveis e in(ter)ventivas de escuta e conversa insurgente, onde os corpos possam tensionar outros saberes, quanto pensá-lo como elemento importante para o campo educacional na interface com a diversidade como princípio onto-epistêmico formativo.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: RASURANDO OS CÂNONES

Desafiando cânones e sentindo as fronteiras teóricas-metodológicas-epistemológicas, os caminhos escolhidos foram construídos coletivamente entrelaçado com os feminismos decoloniais, onde o ensino com e como pesquisas suscitam as aprendizagens tecidas pela experiência, memórias, história e afetividade, guiada pela horizontalidade, valorização e reconhecimento das diferentes trajetórias como fontes pulsantes e legítimas de conhecimento. Rotas mergulhadas pela roda de conversa e a conversa como dispositivo de ensino-pesquisa-extensão, tomando a alteridade e cuidado de si (Geraldí; Fichtner; Benites, 2007).

Assim, nas escritas que deslocam e convocam para um ser, sentir e fazer educacional e científico comprometido com a justiça social, política, curricular e epistêmica, ancoramos em Gloria Anzaldúa (2021), Sonia Alvarez (2014), Jurema Ponce Branca (2022), Sueli Carneiro (2005), Ailton Krenak (2019), Lélia Gonzales (1988), Sandra Harding (1999), Teresa Lauretis (1994) e Audre Lorde (2019).

MODOS DE EXISTIR NUMA DOCÊNCIA ENCARNADA

Nas conversas sensíveis e insubmissas construímos elementos para reflexão e insurgência das pessoas em suas diferenças. Também encontramos elementos que possibilitam novas práticas pedagógicas que visam transformar a instituição escolar, acadêmica e o cotidiano de docentes e discentes, permitindo a criação de território de resistência, in(ter)ventiva e reconstrução, sendo que a universidade, enquanto lócus do saber científico, vem sendo desafiada a repensar a sua existência, no sentido de acolher, incluir e dar



subsídios para a permanência não somente das temáticas, grupos de pesquisas, mas sobretudo da humanidade que ali está inserida.

Compreendemos que, mesmo nos desafios do ensino e das aprendizagens guiadas pelas plataformas digitais, o componente se mostra como espaços-tempos sociais e formativos insurgentes onde os diversos corpos se entregaram a outras formas e modos de estar, sentir, ensinar, habitar à docência e aprender no mundo. São duas horas por semana de intensas rodas de conversa (com debates acalourados), que por meio das problematizações da dimensão de desigualdade dos marcadores de gênero, raça-etnia, deficiência, classe, geração e sexualidades, a partir de epistemologias feministas, que problematizam os eixos interseccionais entre sexismo, racismo, imperialismo, LGBTQIAPN+fobia e práticas pedagógicas colonizadoras.

Entendemos que o ato e processo de ensinar-aprender mobilizados pelas pedagogias feministas e epistemologias decoloniais é um ato de resistência. Assumimos como caminho por/para uma docência humana e descapacitista, a centralidade na/da experiência de docentes e discentes como formação, em que a diversidade é tomada como princípio educativo e onto-epistemológico, combatendo o epistemicídio e oportunizando na imersão do componente a autoria e co docência como modos de habitar à docência que é singular, produz subjetividades, rede colaborativa numa dimensão ética co horizontalizada.

Pensar uma docência encarnada é reconhecer que ensinar-aprender são experiências e vivências atravessadas por corpos, histórias e afetos. Gloria Anzaldúa (2021) nos convida a transitar nas fronteiras do saber, reconhecendo as epistemologias que emergem do corpo, da dor e da criação. Assim, refletir uma pedagogia que parte do corpo e da experiência exige rupturas com os paradigmas eurocentrados e universalizantes, como propõe Sandra Harding (1999), ao defender a valorização dos saberes situados/encarnados. Nessa perspectiva, a sala de aula deixa de ser um território de disputa, onde corpos marcados por gênero, raça, classe, território, geração, deficiências e sexualidade colocam em cena suas existências e resistências.

Dessa forma, construir uma docência encarnada é inventar gestos políticos, como afirma Sueli Carneiro (2005), ao denunciar a invisibilização das epistemologias negras nas instituições acadêmicas. Assumindo a responsabilidade ética, social, afetiva, histórica e política para tensionar o currículo, as práticas e os discursos, abrindo espaço-tempo para outras vozes, outras narrativas, outros corpos, outras possibilidades, como Lélia Gonzalez (1988), propôs ao criar o



conceito de “amefricanidade” para pensar a produção de conhecimento a partir das experiências de mulheres negras latino-americanas.

Como nos ensina Sueli Rolnik (2016, p 15-16), quem cartografa vai compondo passagens no desmanchar de certos mundos - sua perda de sentidos- para compor o que afirma ser tarefa do cartógrafo “[...] dar língua para afetos que pedem passagem; dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo”. Estamos mergulhados? Somos cartógrafos/as de nosso tempo? Queremos realizar os desmanchamentos de mundo que cerceiam vidas. Buscamos cotidianamente praticar a cartografia sentimental, de afetos e militante, numa prática pedagógica feminista decolonial.

Assim, lembramos de Sonia Alvarez (2014) e Teresa de Lauretis (1994) ao nos alertam para os modos como o poder opera sobre os corpos e os saberes, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que resistam à normatividade e valorizem, reconheça e celebre as diferenças como potência formativa.

Na prática docente, encarnar o saber é, como defende Ailton Krenak (2019), compreender que não há separação entre o ser e o mundo, entre o corpo e o território. É como nos lembra Jurema Ponce Branca (2022) ao propor a escuta sensível e insurgente como ferramenta pedagógica, criando espaços onde o cuidado e a alteridade sejam princípios. Audre Lorde (2019), por fim, nos lembra que o silêncio não nos protegerá: uma docência encarnada rompe o silêncio imposto, afirmando a palavra que denuncia e transforma e cria. Assim, ensinar-aprender a partir das pedagogias feministas e epistemologias decoloniais é torna-se um ato de presença radical – ética, política e afetiva.

SABERES EM DEVIRES E PORVIRES....

As docentes e a monitora de ensino realizam o componente como experiência-experimento de uma docência nômade e disruptiva. O convite aos/as estudantes e a nós mesmas como docentes é desafiar as categorias e as classificações tradicionais normativas que oprimem a liberdade de ser e estar no mundo, expressando-se com seus corpos e mentes, como pulsão de vida. No componente em cada tema debatido, incentivamos as/os estudantes a pensarem além das fronteiras e das dicotomias. Realizamos a gira na roda, honrando nossas ancestralidades e saberes tecidos em rede, como exercício do pensamento.

A centralidade também se faz no fomento à reflexão e à auto-reflexão, incentivando cada estudante a pensar sobre suas próprias crenças, valores e pressupostos. Pensar



autoralmente e utilizar a narrativa e a história para explorar as complexidades da realidade e da existência, destacando a importância da contextualização e da perspectiva que adotamos e defendemos em cada ação pedagógica: práticas pedagógicas feministas e decoloniais que oportunizam o empoderamento de mulheres e homens em aliança, cuja docência se faz em devires, porvires e desafios cotidianos.

Dos resultados centrais desta experiência podemos destacar: a produção de uma coleção de pedagogias feministas e decoloniais já publicados através de dois *e-books* como obra aberta disponível para acesso no site da editora Pontes e no Repositório Saber Aberto da nossa universidade pública baiana a saber: CRUZ, A. C. S. (Org.) ; SILVA, Z. P. (Org.) ; **SILVA, A. L. G.** (Org.) ; SOUSA, M. L. M. (Org.) . *Quantas histórias têm as cartas de quem ousa se anunciar? pedagogias feministas e epistemologias decoloniais. 1. ed. Campinas: Pontes Editora, 2024. 347p . SILVA, A. L. G.; SILVA, Z. P. (Org.) ; QUEIROZ, M. S. (Org.) Experiências (auto)formativas diarizadas na educação universitária: pedagogias feministas e epistemologias decoloniais. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2023. v. 1. 294p .*

Estes resultados são pistas de uma ação pedagógica encarnada e in(ter)ventiva, que fomenta a colaboração e a discussão, incentivando docentes e discentes a trabalharem em rede colaborativa, solidária, compartilhando suas perspectivas e ideias e coautorias, como princípios das pedagogias feministas em devires e porvires, pois o devir diz respeito à mudança, processo de criação. Também é caracterizado por movimento e mudança constante, sem um destino ou finalidade fixa e como criação gera novas formas, novas relações e novas experiências. As nossas experiências-experimentos são transversalizadas pela diferença e diversidade. O devir celebra a diferença e a diversidade, e busca criar novas formas de pensar e agir, como exercício do pensamento que nos impulsiona contra a colonização do saber.

Como resultados temos ainda realizado sistematizações dessa experiência em livros, artigos, apresentação de trabalhos em eventos científicos, atividades de ensino e extensão que nutrem a nossa prática pedagógica feminista.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexionando sobre o lugar do conhecimento e do poder nas práticas feministas latino-americanas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 2, maio/ago. 2014, p. 593–614.



ANZALDÚA, Gloria. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Rio de Janeiro: A bolha editora, 2021.

BRANCA, Jurema Ponce. **Conversas insurgentes: práticas de escuta e formação na educação decolonial**. Salvador: EDUFBA, 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69–82, jan./jun. 1988.

HARDING, Sandra. **Ciência e feminismo**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. São Paulo: UNESP, 1999.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologias do gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206–242.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.